

Dor psíquica: ficção ou realidade¹

Cleuza Mara Lourenço Perrini²

Resumo: Comumente, o ser humano depara-se com dores indefiníveis, inexplicáveis e incompreensíveis. Costuma vivenciá-las em clima de terror (inominado), o que muitas vezes faz com que procure a análise. Outras vezes, elas são vividas em pleno processo analítico. Ambas as dores podem ser situadas como pertencentes ao âmbito de profundas mudanças psíquicas, algumas com êxito, expressas em transformações significativas, e outras sem elaboração, muitas vezes presentes em manifestações psicossomáticas. Frequentemente, essas dores, quando negadas, são classificadas como inventadas ou fictícias. Muitas vezes são sentidas como parecendo dores físicas, mesmo não encontrando correspondência em situações depressivas, de angústia ou de pânico. No entanto, são dores psíquicas que podem ser sentidas e não sofridas. A ameaça de descontrole é tão apavorante que se evita viver a emoção. E o descontrole pode não ser da loucura, mas do medo do desconhecido, do novo. Isto concorre para que a pessoa *finja a dor* (experiência de dor), como o poeta *que deveras sente*, ficando em um limiar de suportabilidade, muitas vezes impeditiva, de se ter uma real energia psíquica, favorecedora de expansão mental criativa.

Palavras-chave: Dor psíquica. Energia psíquica. Experiência de dor. Experiência de satisfação. Sentimento.

“Existem pessoas que são tão intoleráveis à dor ou à frustração (ou em que dor ou frustração são tão intoleráveis) que sentem a dor, mas não a sofrem e, portanto, não se pode dizer que a descobrem [...]”

“O paciente que não sofre dor é incapaz de ‘sofrer’ prazer”.

W. Bion (1970, p. 26)

1 Trabalho apresentado no XXX Congresso Latinoamericano – “Realidades e Ficção”- FEPAL – setembro 2014 .

2 Membro Fundador e Efetivo do Grupo Psicanalítico de Curitiba e Membro Efetivo da SBPSP.

*“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente”.*

Fernando Pessoa (1978, 104)

*“Era excitante o que vivia, e fazia-lhe bem, como a todas as
pessoas interiormente frias, deixar que as ondas ardentes da
paixão quebrassem ao seu redor, mas sem com isso arder ela
própria”.*

S. Zweig (2014, p. 20)

“O paciente que não sofre dor é incapaz de ‘sofrer’ prazer”.

W. Bion (1963)

Começo meus comentários entrelaçada pelo tema: dor psíquica, ficção ou realidade e me pergunto: Será que é ficção? Ou VIVER DÓI. Se partirmos da premissa que o princípio do prazer conflita com o princípio da realidade, esse confronto por si só é doído. E essa dor é a DOR PSÍQUICA, que passa a comportar uma vida mental (com a interação dos dois princípios) e não mais o princípio absoluto do prazer. O tema da mesa sugere que o viver vivido só é real se for com vida mental.

Não estou querendo fazer apoteose da DOR. Falo do SOFRER como emoção humana de quem está e-mo-ci-o-nal-men-te no mundo. Por isso, escolhi as epígrafes acima por apresentarem expressões do vértice que procurarei determinar. Deste modo, o trabalho proposto poderia chamar-se: Prazer/Dor: sofrimentos psíquicos. No entanto, me deterei sobre o sofrer DOR, privilegiando o vértice que Bion nos aponta: a impossibilidade, na vivência real, de a dor tornar impeditiva a vivência do real prazer.

Como viver/sofrer dor e não somente senti-la? A personagem da epígrafe, da novela *Medo* de Stefan Zweig, se excita, faz-lhe bem, mas, no entanto, não se deixa arder na chama da paixão. O foco que aponto é distinto de sentimento – que tem a ver com os sentidos – mesmo que aparentemente conflitem-se. A dor psíquica está relacionada com o viver as emoções.

Como dar-se conta e dar conta da dor mental? A experiência é um tipo de movimento que pode ser vivenciado em períodos de transição entre sentir dor e sofrê-la. Se, portanto, ficar no limiar entre uma e outra, se situará mais como limítrofe (*borderline*), não se configurando como dor psíquica vivida.

O poeta Fernando Pessoa consegue colocar em palavras esse limiar de suportabilidade:

*“O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente”.*
Fernando Pessoa (1978)

Na clínica, a dor é expressa de maneira semelhante e diversa: Álvaro procurou-me, encaminhado por seu psiquiatra, por não aceitar suportar o andamento do seu namoro, nem a possibilidade de seu término. Queria que a sua namorada lhe dedicasse uma atenção que esta não dispendia. Como ela insistia recorrentemente no término, ele sentia-se perdido e ameaçava matar-se, o que fazia com que ela retrocedesse da decisão. Viviam assim, nesses altos e baixos, durante 3 anos. Ele reclamava dessa dinâmica de seu relacionamento, mas mesmo com o comportamento distante da namorada, acreditava não poder viver sem ela.

Começamos o trabalho analítico, e Álvaro, durante 4 meses entre altos e baixos, procurou manter o namoro. Este era o seu foco! No entanto, nesse período, seu movimento de procuras e desistências possibilitou-nos ver mais claramente um menino – sua majestade, o bebê. Sua história de vida apresentava essa configuração, já que era filho único de um casal de pais idosos, separados, ambos em segundas núpcias, e que tinha como pano de fundo irmãos bem mais velhos dos dois lados.

Nos primeiros seis meses de nosso trabalho, Álvaro passou no vestibular e começou a cursar a faculdade que tinha correlação com a empresa da família. Deu andamento à filial que havia sido montada pelos seus pais, conseguindo não interromper as atividades (loja e faculdade) nos meses subsequentes, mesmo com alguns movimentos nesse sentido. Sua transformação foi sentida como favorável por ele, à medida que foi gratificando-se com seu bom desempenho na faculdade, bem como passando a ter menos rompantes agressivos (*ataques de fúria*). Passou a requisitar menos a mãe para *acudi-lo* nestes estados frequentes de cobrança de atenção e cuidados. Com aproximadamente 1 (um) ano de trabalho analítico, um assunto sobre *promoção* de suas mercadorias tomou conta das sessões, atrelado à questões de *vida ou morte* de seu negócio. Vivia nisso sua descrença, já que sentia-se muito mais como mercadoria de pechincha do que de qualidade. A dor sentida de se perceber apareceu nas suas faltas, que passaram a ser frequentes. Ligou-me duas vezes, neste período de faltas, após internação por crise de ansiedade, que eu soube somente um bom tempo depois.

Nessa ocasião, Álvaro desviou seu olhar, animado, para um relacionamento virtual com uma moça do exterior. Juntos, observamos que a *promoção* continha o *moção* (no sentido de ser um *super* moço), que o libertaria de todo o jugo da vida. Essa busca permanecia de plantão e se reapresentava fortemente naquele momento, projetada no *exterior-superior* (a moça era uma modelo *linda e alta*, mais alta que ele), retomando sua antiga descrença em seu *interior-inferior*.

Uma compreensão deste momento me veio *après coup* quando observei que a palavra *moção* significa uma ação ou ato de mover-se, denotando movimento ou deslocamento, mas também uma comoção emocional, um abalo. Avaliei igualmente que naquele semestre havíamos ajustado o valor da sessão, que diferentemente dos outros analisados, estava sendo protelado, permanecendo defasado. O que será que tinha apreendido, mas não nominado em mim, ocasionando esse movimento de defasagem x protelação? O que conseguimos saber sobre o *moção*, mas não pôde ser vivenciado?

Bion (1970) pontua que toda mudança no psiquismo do paciente quanto do analista, durante o processo analítico, vem acompanhada de alguma forma e grau de sofrimento. Considera ainda a possibilidade desta vir a ser uma vivência de *mudança catastrófica*, em que o paciente fica com a sensação muito forte de que está pior, a ponto de psicotizar, e que comumente entra em estado de confusão, depressão, regressão e/ou sentimentos equivalentes.

O fim de ano se aproximava. Sob a queixa do preço ajustado, Álvaro pede para espaçar as sessões, inviabilizando o trabalho, interrompendo a análise abruptamente. O que não foi possível atualizar? A consciência insuportável de estar/ser separado (JOSEPH, 1992) de mim, e com uma maior percepção do próprio *self* e de viver separadamente dentro da realidade de ser outra pessoa, origina um movimento de *splitting*? Eu *podia ajustar* o preço, *atualizá-lo*, e ele não podia atualizar seu modo de relacionar-se? O outro é um estorvo (como eu no momento) ou tem que ser um *serviçal* a seu dispor? Despede-se dizendo que iria depositar o pagamento, o que faz pela metade (está dividido?). Ao contatá-lo, disse-me que a mãe faria o depósito do restante.

O movimento de asseguramento através da divisão (*splitting*) se evidencia na expressão de superficialidade (não podia sustentar o novo) à percepção dos sentimentos. Não pudemos nominar a dor para ser descoberta e vivida.

Como a mãe não deposita o dinheiro faltante, começa uma série de troca de *e-mails* com esta. Divido o pagamento faltante em parcelas, mas ela só cumpre a primeira. Passados 4 meses, telefone para Álvaro e o contato, a princípio hesitante, torna-se amistoso à medida que se desenrola. Conta-me que estava

de mudança para o exterior, que havia vendido a loja e que iria trancar a faculdade com a esperança de transferi-la para o outro país. Imediatamente, após o telefonema, ele deposita metade (novamente metade!) do que faltava, avisando que a mãe havia feito o depósito da outra metade no mesmo momento. Recebo realmente a transferência dele, mas não a da mãe.guardo mais alguns dias e novamente envio um *e-mail* para a mãe, e não obtendo resposta, entro em contato com Álvaro, que não atende ao telefone. Logo em seguida, envia-me uma mensagem dizendo que havia tido um problema na transferência bancária da mãe e que esta havia repetido o procedimento e que logo estaria na minha conta. Pede-me desculpas pela demora do pagamento, agradecendo minha paciência e minha compreensão.

Um breve resumo de um trabalho de 1 ano e 7 meses, aproximadamente, nos dá a dimensão da dor que, alojada no limiar entre o físico e o psíquico, sem poder ser nominada, fica impossibilitada de ser vivida.

Perguntei-me também como ficou a minha dor mental. Refleti que fiquei impossibilitada (ficamos) de trabalhar o que desencadeou esta *viagem para o exterior*, sem que tivéssemos suportado juntos a viagem para o interior. Nominando minha dor, argui sobre qual vivência transferencial não pôde ser suportada e digerida por nós e realizada com êxito.

Junqueira e Sapienza (1997), quando refletem sobre a frustração e dor psíquica como determinantes do grau de identificação projetiva, assinalam:

Do ponto de vista da operacionalização do pensar, parece-nos útil diferenciar uma identificação projetiva, que tem a finalidade de expulsar da psique a substância dolorosa deixando-a sem matéria prima para a função, da identificação projetiva, que busca um continente externo para acolher temporariamente esta substância, mantendo-a unida à psique ejetora por uma espécie de filamento que, quando possível, lhe permitirá resgatá-la para produzir os elementos (p. 190).

A transferência para a namorada *modelo linda e alta* que poderia torná-lo *moção* acaba por solapar sua possível condição interna, em construção comigo. Interrompe o vínculo de cooperação, como promotor de crescimento a salvo de culpa. O que tínhamos visto como progresso pode ter se insinuado, até tocado, mas não foi internalizado. No entanto, apontou-me que pude ter paciência e compreensão (sinônimo de não ter desistido dele), assinalado depois do pagamento efetuado. Ele, ao acertá-lo, mantém a porta aberta da minha hospitalidade e continência, ventilando possibilidades de reencontro.

O meu sofrer ficou expresso no trecho da canção *Saudade fez um samba*. Esta aponta a saudade, que é um sofrimento, como descoberta presentificada nestas reflexões escritas.

*Então não vamos mais brigar
Saudade fez um samba em seu lugar
(João Gilberto)*

Comumente, o ser humano depara-se com dores indefiníveis, inexplicáveis e incompreensíveis. Costuma, assim, vivenciá-las em clima de terror (inominado), o que muitas vezes faz com que procure a análise. Outras vezes, elas são vividas em pleno processo analítico. Ambas as dores podem ser situadas como pertencentes ao âmbito de profundas mudanças psíquicas, algumas com êxito, expressas em transformações significativas, e outras sem elaboração, muitas vezes presentes em manifestações psicossomáticas. Frequentemente, essas dores, quando negadas, são classificadas como inventadas ou fictícias. Muitas vezes são sentidas como parecendo dores físicas, mesmo não encontrando correspondência em situações depressivas, de angústia ou de pânico. No entanto, são dores da ordem do psicossoma, que podem ser sentidas e não sofridas (psíquicas).

A ameaça de descontrole é tão apavorante que se evita viver a emoção. E o descontrole pode não ser da loucura, mas do medo do desconhecido, do novo, da transformação do narcisismo para o socialismo (BION, 1963). Isto concorre muitas vezes para que o indivíduo evite a dor, ficando impedido de ter uma real e condizente experiência, o que poderia assinalar uma energia psíquica favorecedora de expansão mental criativa, que é o preço de se ser uma pessoa viva.

Lúcio procurou-me porque sua esposa *mandou-o* para terapia, caso contrário, seu casamento estaria terminado, além de denunciá-lo por agressão na Delegacia da Mulher. Isso em função de ele ter dado um tapa em seu rosto, em um momento de discussão intensa e calorosa entre os dois, o que se mostrava cada vez mais frequente.

Era o segundo casamento de ambos, sendo que ele não havia tido filhos. A maior queixa de Lúcio era dos filhos da esposa que não aceitavam e dificultavam o casamento dos dois, mesmo que este tenha ocorrido muito tempo depois da separação dela.

Nos primeiros seis meses de análise, foi gradativamente aparecendo o ódio que ele mantinha da esposa por tê-lo considerado *louco e violento*, já que o havia obrigado a ir para *terapia*. Quando lhe mostrei que ele permanecia em

terapia para *provar* para a esposa que *ela* é quem era *débil mental por casar com um louco*, a direção da análise ganhou outro colorido. Deixou de ser uma sentença de sua insanidade, para ser de descobertas dolorosas e significativas. Passaram a aparecer as suas feridas mais profundas, a princípio rejeitadas e racionalizadas, para sentidas e sofridas. Lúcio via-se mais como Lúcifer do que uma possibilidade de *luz*. Fomos *iluminando sua vida interior* e sem saber, até então, quem era seu pai biológico, foi em busca de suas origens. Como era órfão de mãe desde os 8 anos e acusado por alguns parentes de ser o causador de sua morte por ter sido *rebelde e mimado*, Lúcio e eu fomos gradativamente ao encontro de suas rebeldias. Em momento intenso, abraça a sua própria causa ao publicar: *Não estou mais aqui 'forçado', estou aqui pela minha própria 'força', junto com você!*

Demonstrando sentir-se acompanhado, em outra sessão marcante, publica seu *insight* com surpresa ao perceber que não mais fazia drama com a esposa, a cada conflito do casal, de sair de *mala e cuia* de casa, esperando ela ir atrás dele pedindo para voltar. Igualmente, dava-se conta que a faculdade, que retomou após desistência, passava a ter outro significado em sua vida. Refletindo, constatou que não precisava mais *ensinar* as matérias em grupo para os colegas e depois, repetidamente, tirar nota baixa, provocando comoção geral: *Coitado do Lúcio! Tão capaz e tão azarado!* Percebeu o quanto se alimentava da pena dos outros e da venda da imagem de *paizão*, nutrindo-se com isso.

A cada *insight*, Lúcio ficava espantado, num misto de decepção e surpresa diante das novas possibilidades de se relacionar que se apresentavam. Aparecia sua real dificuldade de relacionar-se com o outro, de esperar e de desejar, sem precisar projetar para dentro das pessoas seu terror inominado.

No final do primeiro ano de análise, ao mesmo tempo que conhece seu verdadeiro pai, perde o adotivo. Emoções pungentes são partilhadas em sala de análise, oscilando entre sentir-se incapaz e tornar-se responsabilmente ativo pela sua vida mental e relacional.

Fomos nominando seu amor e seu ódio vividos em suas relações com seus objetos internos e externos, com significativa diminuição de busca por promessas e garantias.

Esse alavancar de emoções coincidiu com o aumento do número de sessões, bem como com o passar a deitar-se no divã. Lúcio entra em contato com os primórdios da dor e sofridamente passa a acreditar que esta pode ser benéfica por conter dentro de si a esperança.

No final do segundo ano de sua análise, em uma sessão pungente, chega visivelmente abalado, deita-se e diz que quase chegou a me ligar para ver se eu

tinha algum horário antes, tal seu estado de dor. Chora e passa a contar sobre o episódio ocorrido no final de semana:

- *L: Estou muito sofrido (com a voz embargada). Estive na nova loja (seu negócio começa a prosperar e ele abre uma filial em outra cidade) que minha sobrinha toca, sob minha orientação. Você sabe que sempre confiei nela! Minha esposa foi junto. Foi tão bom! Ia cuidando de tudo e ela, assim sentia, ficava ao lado demonstrando confiança no modo como eu dirigia, mesmo não sendo a área dela... (e, entre indignado, surpreso e triste, continua). E não é que minha sobrinha foi falar mal de mim pra ela? Ela fez aquilo que você chama... dividir... parece que tentando pôr minha esposa contra mim. Só soube na viagem de volta, quando ela me contou. Ela havia dito, ainda lá, que minha sobrinha queria falar comigo. Mas na verdade, ela estava tentando fazer com que ela falasse direto comigo. Mas nada... fui falar com ela e ela desviou o assunto. Tentou pôr minha esposa contra mim...*
- *C: Tentou, mas não conseguiu porque você acreditou em você e na sua relação com ela... e comigo. Você demonstra sentir-se traído... mas deve ser ao seu velho modelo, já que não foi tirar satisfações com sua sobrinha, além de ter conseguido esperar para conversar comigo.*
- *L: Sabe que acordei ontem querendo ligar para ela? Tinha tanta dor, ódio, tristeza... mas pensei e achei que não iria levar a nada. Seria como antes... botaria pra quebrar, mostraria quem mandava no boteco... pra quê? (fala agressivo e reflexivo). Onde isso me levou? A ser ninguém, mas vestido de rei?... mas o rei estava nu...*

Lúcio não utilizou velhos e conhecidos mecanismos seus para alcançar a *paz*, mesmo que provisória. Conta comigo (com o outro, com sua esposa) e vem experimentando perceber que tem suportado esperar (ter esperança!), acreditando em seus conteúdos (PERRINI, 2014) que, acreditava, tinham sido retirados. Vai se responsabilizando ativamente por sua mente, suas emoções, seu amor e seu ódio. Antes repudiado, pobre de significados mentais, sua dor tem passado a ser um elemento poderoso no desenvolvimento da capacidade de pensá-la. Penso que Dantas Jr. (1999) assinala com propriedade sua leitura de Bion sobre a dor quando atribui que “A meticulosa descrição que ele faz das pessoas e dos processos psíquicos não designa uma forma singular de dor, mas um modo singular de experimentá-la e de atribuir significados psíquicos às suas consequências” (p. 578). Lúcio e eu temos caminhado por trilhas tortuosas que me evocam, nestes escritos, a música *Drão*:

*Drão o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão*

*Tem que morrer pra germinar, plantar nalgum lugar
Ressuscitar no chão nossa semeadura
Quem poderá fazer aquele amor morrer!
Nossa caminhadura
Dura caminhada pela estrada escura
Drão não pense na separação
Não despedace o coração
O verdadeiro amor é vão, estende-se, infinito
Imenso monolito, nossa arquitetura
Quem poderá fazer aquele amor morrer!
Nossa caminha dura
Cama de tatame pela vida afora
Drão os meninos são todos sãos
Os pecados são todos meus
Deus sabe a minha confissão, não há o que perdoar
Por isso mesmo é que há de haver mais compaixão
Quem poderá fazer aquele amor morrer
Se o amor é como um grão!
Morre, nasce trigo, vive, morre pão.
Drão
(Gilberto Gil, 2001)*

Considerações finais

Para finalizar, fiz algumas aproximações que me fazem sentido e que partilho com vocês agora: da possibilidade de a dor psíquica passar do estado de ficção para tornar-se realidade, a partir do princípio da validação desta.

Auxiliada pela leitura dos trabalhos mencionados anteriormente e de outros que abordam o tema da dor psíquica (AMENDOREIRA, 1999; FRANÇA, 1999; KORBIVCHER, 1991; SABA, 2005), faço algumas considerações reflexivas, procurando distinguir, a princípio, dois estados de mente ligados à dor, a fim de privilegiar sua leitura metapsicológica. Estes dois estados, a meu ver, são posteriores à manifestação de sintomas somáticos por estarem no caminho da possibilidade de virem a ser pensados. A dor mente/corpo, sendo limítrofe, poderá vir a ser um momento de passagem para a real dor psíquica. Essa dor, quando suportada, poderá contribuir para a ampliação da capacidade de sofrer dor, além de capacitar o indivíduo a sofrer prazer.

Dor mente/corpo (limítrofe):

- Sentimento enlouquecedor;
- Difusa e pulverizada,
- Esquizo-paranoide (posição);
- Sem nome;
- Parcial (objeto);
- Retraída, escondida e reducionista;
- Angustiante;
- Apavorante e aprisionadora;
- Narcísica;
- Ligada à permanência;
- Com perspectiva de perda;
- Estimulante de defesas psíquicas;
- Manifesta e visível;
- Positivo (enquanto aparente).

Dor psíquica (sofrida):

- Emoção assustadora;
- Centrada e contida;
- Depressiva (posição);
- Nominada;
- Total (objeto);
- Expandida;
- Podendo ser mais suportável;
- Transformadora;
- Com relação de objeto;
- Ligada à mudança;
- Com percepção de perda;
- Com menor defesa psíquica;
- Latente;
- Negativa (enquanto presença ativa invisível).

A partir dessa distinção e da possibilidade de comunicação entre ambas, podemos pensar qual é a *função* da dor psíquica, à medida que não sofrê-la impossibilita-nos de *descobrir* o que nela se encerra:

Ao sofrer desamparo, descobrir o amparo, a potência e a competência.
Sofrida a prisão, descobrir a liberdade.
Sofrida a fragilidade, descobrir a segurança.
Sofridos os desmoronamentos, descobrir a construção.
Sofrida a ausência, descobrir o encontro.
Sofrida a dor da incompletude, descobrir o complementar.
Sofridas as dores do viver, descobrir o prazer...

Retomo, como derradeira reflexão, a metáfora da música *Drão*, que pode agora nos soar como um badalo da dor/prazer de quem aspira e se equipa para ter vida mental ligada às pessoas e à vida real.

Por isso mesmo é que há de haver mais compaixão
Quem poderá fazer aquele amor morrer
Se o amor é como um grão!
Morre, nasce trigo, vive, morre pão.

Psychic pain: fiction or reality

Abstract: Commonly the human being is faced with indefinable, inexplicable and incomprehensible pain. He usually experiences them in sense of terror (innominate), which often makes him seek analysis. Other times they are lived in full analytical process. Both pains can be located as within the scope of deep psychical changes, some of them with success, expressed in significant changes, and other with no preparation, often present in psychosomatic manifestations. Often, these pains when are denied, are classified as invented or fictitious. They are often perceived as looking like physical pain, even finding no match in depressing, anxiety or panic situations. However they are psychological pain, which may be felt and not sustained. The risk of decontrol is so terrifying that prevents to live the emotion. And the decontrol can be not because of madness, but of the fear of the unknown, of the new. This contributes, often, the person to start to *pretend the pain* (pain experience), as the poet *that he truly feels*, being prevented to have a real psychic energy, favoring creative mental expansion.

Keywords: Feeling. Pain experience. Psychic energy. Psychic pain. Satisfaction experience.

Referências

AMENDOREIRA, W. Dor psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 33, n. 3, p. 545-553, 1999.

BION, W. **Elementos de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Originalmente publicado em 1963).

_____. **Atenção e interpretação**. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Originalmente publicado em 1970).

DANTAS JR, A. Dor psíquica e o negativo: uma ilustração do trabalho do negativo no campo da experiência da dor. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 33, n. 3, p. 573-584, 1999.

FRANÇA, M. O. O inexorável da dor humana junto ao processo analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 33, n. 3, p. 555-571, 1999.

JOSEPH, B. Em direção à experiência de dor psíquica. In: **Equilíbrio psíquico e mudança psíquica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

JUNQUEIRA FILHO, L. C. U.; SAPIENZA, A. Eros tecelão de Mitos. In: FRANÇA, M. O. A. F. (Org.). **Bion em São Paulo: ressonâncias**. São Paulo: Acervo Psicanalítico, 1997.

KORBIVCHER, C. F. Dor psíquica e desenvolvimento mental. **Jornal de Psicanálise de São Paulo**, v. 24, n. 47, p. 69-79, 1991.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978.

SABA, C. R. Indiferença, arbitrariedade e sofrimento psíquico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 2, p. 93-98, 2005.

ZWEIG, S. **Três novelas femininas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

CLEUZA MARA LOURENÇO PERRINI
Rua da Paz, 195 / 211
80060-160 Curitiba, PR – Brasil
e-mail: cleuzaperrini@gmail.com